



## Memória de jovens rurais universitários e universitárias sobre experiência de vida e trabalho

Alano José Soares Sandes<sup>1</sup>  
Ana Elizabeth Santos Alves<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo analisar quais as memórias coletivas presentes nos depoimentos de homens e mulheres provenientes do campo a respeito das suas experiências de vida no mundo rural e de suas relações com o trabalho, com a educação e o ingresso na universidade. A coleta dos dados e sua posterior análise ocorreu com 09 (nove) estudantes (5 homens e 4 mulheres) de graduação de origem rural e vinculados (as) a uma Instituição de Ensino Superior pública de Vitória da Conquista-BA. O desenvolvimento do estudo buscou a teoria e a empiria, formando a espinha dorsal do trabalho, utilizando-se do conceito de memória coletiva proposto por Halbwachs (2006) e as concepções de memória social fundamentadas em Aróstegui (2004), Jelin (2012) e Fentress & Wickham (1992). O conceito de experiência foi abordado a partir da noção de experiência em Thompson (2011). As memórias dos e das jovens rurais entrevistados (as) possibilitaram a construção de eixos temáticos a respeito da vida no campo, do trabalho e das experiências na Universidade. A partir dos resultados, com ciência da realidade e das demandas dos e das jovens camponeses/as entrevistados (as), políticas públicas para este grupo social podem ser empreendidas dentro e fora da universidade. Novas agendas de pesquisa podem ser úteis para generalizar os achados desse estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude Rural; Memória Coletiva/Social; Educação Superior.

### MEMORY OF YOUNG UNIVERSITY STUDENTS FROM THE COUNTRYSIDE ABOUT LIFE AND WORK EXPERIENCE

**ABSTRACT:** This academic work aimed to analyze which collective memories are present in the testimonies of men and women from the countryside regarding their life experiences in the rural world and their relationship with work, education and admission to the university. Data collection and subsequent analysis was carried out with 09 (nine) undergraduate students from rural area and linked to a public Higher Education Institution in Vitória da Conquista-BA. The development of the study sought theory and empiricism, forming the backbone of the work, using the concept of collective memory proposed by Halbwachs (2006) and as conceptions of social memory based on Aróstegui (2004), Jelin (2012) and Fentress & Wickham (1992). The concept of experience was approached from the notion of experience in Thompson (2011). The memories of the rural youth interviewed enabled the construction of thematic axes regarding life in the countryside, work and experiences at the University. Based on the results, with awareness of the reality and the demands of the young peasants interviewed, public policies for this social group can be undertaken inside and outside the university. New research agendas can be useful to generalize the findings of this study.

**KEYWORDS:** Rural Youth; Collective/Social Memory; Higher Education.

<sup>1</sup> Mestrado em Memória pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: [alanosandes@hotmail.com](mailto:alanosandes@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia; E-mail: [ana\\_alves183@hotmail.com](mailto:ana_alves183@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Castro (2007) sinaliza que a noção de juventude é transversal, ou seja, deve ser analisada circunstancialmente, a partir do gênero, classe social, etnia, local de origem (urbano e rural), dentre outros aspectos. Considerando essa noção de juventude enquanto elemento histórico e socialmente dependente, não há como avaliar o indivíduo urbano e rural a partir de um parâmetro único. Para Kummer e Colognese (2013), o jovem e a jovem rural são aqueles que vivenciam e participam da unidade produtiva familiar, inserindo-se numa realidade em que o universo do trabalho e o da vida se confundem. Esta juventude experimenta o mundo e constrói sua subjetividade dentro de um território concreto e simbólico marcado pela desigualdade com seus pares urbanos. Muito comumente, os sujeitos de zona rural carregam um estigma por viverem no campo, espaço frequentemente associado a uma imagem de atraso, pobreza e desqualificação (CASTRO, 2007).

A visão sobre estes jovens é mediada por uma invisibilidade social que se concretiza na dificuldade de acesso a direitos básicos, bens, serviços ou oportunidades, aos quais jovens urbanos conseguem usufruir mais facilmente. Essa diferença entre as duas experiências juvenis afeta a construção da identidade, de modo a reservar aos jovens da cidade e de classes sociais abastadas a carga semântica de modernidade, transformação e futuro, relegando à juventude rural ideias associadas a conservadorismo, passado e modelo a ser superado (WEISHEIMER, 2019). Parece haver, portanto, um abismo entre o mundo urbano e rural, muito embora no traçado geográfico brasileiro frequentemente esses espaços se encontrem territorialmente próximos (WANDERLEY, 2007).

Nesse cenário desafiador para a juventude rural, políticas governamentais de ampliação regional e democratização do acesso ao ensino superior têm possibilitado o ingresso de grupos historicamente excluídos das universidades, o que permitiu que uma parcela de jovens proveniente do campo passasse a frequentar o ambiente acadêmico (REDIN, 2017). Essa nova realidade favoreceu o processo migratório do campo para a cidade em busca de formação profissional especializada e possibilidades de garantia de direitos a uma vida digna.

Tendo como realidade a relação da juventude rural com o intrincado jogo de forças que envolvem as vivências no campo e a experiência acadêmica, foi possível estabelecer como objetivo do artigo analisar quais as memórias coletivas estão presentes nos depoimentos de jovens universitários provenientes do campo a respeito das suas experiências de vida no mundo rural e de suas relações com o trabalho, a educação e o ingresso na universidade, bem como

buscou-se compreender possíveis contradições, interlocuções, divergências e aproximações com a experiência universitária.

Após investigação em indexadores de pesquisa, verificou-se que as principais temáticas tratadas na última década referem-se ao dilema dos jovens rurais camponeses em relação a sua permanência ou saída do campo, educação no campo e extensão rural. Notou-se uma escassez de investigações na área de interesse deste artigo, que tem por foco o estudante universitário proveniente da zona rural, o que justifica o esforço nesse sentido. Outro fato relevante para a definição do estudo foi a concentração da produção de pesquisas empíricas na região sul e sudeste do país, com lacunas em diversos estados do norte, nordeste e centro-oeste. Essas são, inclusive, as regiões mais vulneráveis, em que se aglutinam maiores problemas sociais e menores investimentos governamentais.

As experiências de jovens do campo foram ancoradas na proposta teórica de Halbwachs (2006) sobre memória coletiva e nas concepções sobre memória social (ARÓSTEGUI, 2004; FENTRESS; WICKHAM, 1992; JELIN, 2012), cujas teorias abordam o papel comunitário na formação subjetiva do indivíduo. Halbwachs contribuiu vigorosamente com os estudos da teoria social ao propor a formação de uma memória forjada nos aspectos coletivos da sociedade. O autor discute que o suporte de toda recordação individual é o tecido social mais amplo em que uma determinada lembrança foi formulada. Este conceito ancorou a vertente principal sob a qual as memórias de jovens universitários de origem camponesa são interpretadas e discutidas. A centralidade da memória para o objeto desse estudo decorre da noção de que a mesma é forjada coletivamente nas relações deste com a sociedade. Todo o desenvolvimento de ideias sobre determinado fenômeno é resultado de experiências coletivas que formam um pensamento partilhado e uma realidade comum a um grupo social. Nesse sentido, o conhecimento compartilhado sobre o campo e a cidade é decorrente das memórias do passado, das expectativas sociais e das memórias construídas coletivamente. Assim, as experiências atuais de vida, cotidiano, moradia, universidade e trabalho de jovens universitários oriundos do campo são dinâmicas, compostas por tensões entre o passado e o presente, e por interesses individuais delineados na relação com a sociedade (SÁ, 2007).

A questão da juventude rural foi tratada, ainda, a partir do conceito de experiência em Thompson (2011) com a intenção de apreender as memórias da juventude rural como socialmente determinadas, tornando-se adequado avaliar estes eventos a partir de uma compreensão histórica, em que as experiências dos sujeitos se constroem nas tramas sociais, resultando das condições materiais e dos meios de produção, que forjam as relações entre os homens, os modos

de vida, os desdobramentos históricos e consciência de classe. Nesse sentido, o conceito abordado por Thompson é importante, uma vez que se debruça justamente sobre a noção de experiência, historicamente definida, que vai perpassar as memórias dos estudantes, com base em suas aproximações com o mundo rural, urbano e a universidade.

É a partir desse arcabouço teórico que os depoimentos dos jovens e das jovens rurais foram analisados e estruturados em categorias analíticas, buscando apreender o modo como esses universitários e universitárias compreendem as macro e microestruturas que impactam sua vida diária e qual postura reflexiva adotam dentro das universidades, tendo como base a origem no campo. Este trabalho originou-se da dissertação de mestrado intitulada: Memória de Jovens Rurais Universitários sobre Experiência de Vida e Trabalho, defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, no dia 31 de março de 2021.

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O artigo fez uso de delineamento qualitativo, de natureza exploratória-descritiva (FREITAS & JABBOUR, 2011; GIL, 2015), corte transversal, do tipo relato de experiência. O método qualitativo permitiu, a partir dos indicadores discursivos, descrever a realidade subjetiva dos jovens e das jovens estudantes rurais à luz da literatura científica.

Foram entrevistados 11 (onze) estudantes universitários provenientes do campo, (5 homens e 6 mulheres), tendo como critério de escolha o perfil de baixa renda e a vinculação a pequenas propriedades rurais de agricultura de subsistência e de comércio local, graduandos de cursos da área de saúde (área de conhecimento única disponível) do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia (IMS/UFBA), localizado na cidade de Vitória da Conquista – BA. Dentre os 11 (onze) entrevistados, 02 (duas) discentes participaram das entrevistas piloto, durante a etapa inicial de aprimoramento do procedimento de coleta de dados. Estas entrevistas não foram utilizadas na etapa de análise empírica, uma vez que as informações obtidas se mostraram aquém das necessidades da pesquisa. Após o refinamento do instrumento, foram analisadas e discutidas as entrevistas de 09 (nove) universitários (as), (5 homens e 4 mulheres), com média de idade de 21,6 anos.

Para o recrutamento, foram analisadas as listas de estudantes, por curso, que ingressaram através do sistema de cotas sociais, por terem feito todo o ensino médio em escola pública e possuem renda familiar per capita de até

um salário mínimo e meio. Além disso, enquadraram-se num destes requisitos para o ingresso como cotista: autodeclaração como preto/pardo/indígena e ser integrante de comunidade quilombola. A condição de proveniência de pequenas propriedades rurais designadas como sítios ou fazendas também foi observada. Todas estas informações estavam disponíveis no perfil sociodemográfico fornecido pela instituição. Os participantes recebiam auxílio financeiro para permanência na Universidade, tais como auxílio moradia e auxílio alimentação, por conta da condição de baixa renda.

A amostra foi selecionada por conveniência (consentimento em participar), através de convite endereçado por e-mail aos discentes provenientes de zona rural, após obtida a autorização pela direção da universidade e pelo comitê de ética. Os nomes citados neste trabalho foram alterados pelo pesquisador, com a intenção de preservar a identidade dos informantes.

Em função da pandemia mundial da Covid-19, que atingiu o Brasil a partir de março de 2020, a coleta de dados foi realizada por meio digital com suporte de áudio e vídeo. Optou-se pela entrevista semiestruturada, instrumento efetivo para levantamento de processos simbólicos e significados particulares que revelam aspectos subjetivos dos participantes de uma pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2002). Tendo em vista os objetivos da pesquisa e elementos da literatura científica sobre juventude rural, trabalho, educação e memória coletiva/social, foi elaborado um roteiro de entrevista com as seguintes dimensões: Memórias do campo; Experiência na Universidade; Inserção na Universidade; Vida Futura; Macropolítica e Economia. Antes do início desta fase da pesquisa, foi aplicado virtualmente o termo de consentimento livre e esclarecido aos participantes através de e-mail, tendo sido a versão impressa coletada posteriormente

A análise empírica deu-se a partir de como a juventude rural descreve a própria experiência de ser jovem de origem camponesa, resultante de uma relação concreta e prática com esse universo e com as memórias que compõem este grupo social, bem como com o fato de terem passado a adentrar a universidade na história recente, evento que certamente tem impacto sobre o mundo até então conhecido por esses indivíduos. Além disso, foram os próprios participantes que deram um norte para os assuntos debatidos, cujas falas foram alocadas em eixos temáticos sob orientação empírica. A partir disso, buscou-se situar os elementos obtidos das entrevistas com os achados teóricos sobre juventude rural, bem como articular esse material principalmente com a questão da memória social e coletiva e, adicionalmente, com aspectos que atravessam o debate sobre trabalho e educação.

A pesquisa foi registrada no Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Multidisciplinar em Saúde (IMS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo a autorização para a coleta ocorrido no mês de junho de 2020, através do parecer de número 4122106. Este estudo cumpriu todos as disposições éticas estabelecida para empreendimentos científicos que envolvem seres humanos, de acordo com as normas da resolução nº 510/16 (BRASIL, 2016).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A EDUCAÇÃO BÁSICA OFERTADA AO JOVEM RURAL

Uma das grandes dificuldades a serem contornadas pela juventude rural é o acesso à educação. Desde o ensino primário, a estrutura escolar é habitualmente precária ou mesmo inexistente localmente, exigindo deslocamentos substanciais para garantir o direito ao ensino público, muitas vezes de pouca qualidade.

A maioria das entrevistas indicou um cenário de dificuldades para os primeiros anos de ensino no meio rural, destacando-se o aspecto de salas multisseriadas com um grande número de alunos por professor, além das deficientes condições de transporte, conforme segue:

Iniciei na escola acho que com 6, 7 anos de idade, no antigo prézinho, na comunidade mesmo. Até então era só nessa faixa etária. E a partir da primeira série eu passei e estudar em sala multisseriada<sup>3</sup>. Então assim, hoje eu vejo a dificuldade enorme, a disparidade do ensino da zona rural e o ensino da cidade. Porque na cidade todo mundo... as crianças, cada uma em sua faixa etária, estudando aquilo que condiz com a sua idade, e no contexto da zona rural, até hoje, as crianças de várias idades, uma professora só pra dar conta de 40 alunos. Então eu acho assim, que a minha formação até então, até o ensino médio foi uma formação defasada. (Mônica, 27 anos, feminino, curso de Psicologia).

A gente ia de carro para a escola. Era mais ou menos uma meia hora de carro. É bem “longinho” de carro. Todo dia! Acho que... não sei se você conhece carro pau de arara. E a gente ia. (Suzi, 34 anos, feminino, curso de Psicologia).

Em relação ao ensino médio o cenário de precariedade na educação não se modifica, conforme seguem depoimentos:

Isso, a vida inteira eu acordava cedo e pegava ônibus, o ônibus passava aqui

---

<sup>3</sup> As classes multisseriadas constituem uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, numa mesma sala de aula, com várias séries de ensino simultaneamente, atendendo a alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes.

de frente e ia e voltava todo dia. Eu senti falta de muita coisa assim, logo que eu terminei a escola, e na escola mesmo tinha muitos problemas, sabe?! Acho que passei um ano inteiro sem aula de sociologia, passei duas unidades sem ter aula de biologia, tinha muitos problemas assim, eu sentia falta de muita coisa, principalmente no ensino médio, porque antes eu não tinha muito essa noção, eu acho que pelo fato de eu sempre viver aqui, aqui não tinha internet, só tive internet quando tinha 16 anos, não tive acesso a isso, então sempre me sentia um pouco pra trás, sabe?! (Sofia, 20 anos, feminino, curso de Psicologia).

Assim, por ser uma cidade pequena, ter pouco investimento em educação muitas vezes, por ser tudo público, eu acho assim, um ensino mediano. Eu não vou dizer que era ótimo, porque quando eu cheguei na UFBA teve, eu senti muitas dificuldades em relação a algumas matérias. Porque a gente nunca tinha tido acesso àquele conteúdo, por exemplo. Mas eu, é... por ser uma cidade pequena, por ter pouco investimento, eu acho era até, vamos dizer assim, médio. Já senti a falta do ensino aqui [universidade], o Ensino Médio, né? Que a gente não teve assim um ensino de qualidade em relação a esse, a essa matéria, a esses conteúdos. Aí eu já senti a dificuldade: Bioquímica, Química. (Talita, 22 anos, feminino, curso de Nutrição).

Nota-se, na fala dessas estudantes, a existência de uma memória compartilhada sobre o tratamento precário que tiveram acesso no que se refere à educação básica e ao contexto de luta e obstáculo que precisaram enfrentar para serem escolarizados. Os depoimentos denunciam a construção de memórias de pertencimento a um mundo marcado por desvantagens, em que direitos são inferiorizados e cujo destino é pouco valorizado e subjugado em uma sociedade capitalista que não cuida da classe a qual pertencem.

A predominância dos elementos sociais e históricos na construção das memórias individuais faz com que os entrevistados e as entrevistadas, embora com suas idiossincrasias e particularidades, compartilhem de uma vivência similar a respeito da educação recebida no passado. Sobre isso, Halbwachs (2006) apresenta uma importante contribuição ao estabelecer que a atuação de grupos sociais (no caso específico desse estudo, de jovens rurais universitários e universitárias) é justamente marcada pelo processo de reconstrução do passado vivido por um determinado círculo social na construção da memória coletiva. Isso permite compreender que o processo de rememoração do tempo de escola e das condições a que foram submetidos e submetidas não são apenas lembranças individuais, mas uma realidade que atravessa a classe ao qual pertencem e as memórias e expectativas desse grupo sobre como a realidade funciona.

Sobre essa questão, é útil ainda o pensamento marxista que, embora não tenha se dedicado a formular, de modo sistematizado, uma teoria sobre a educação, se debruça sobre questões que se apresentam ainda muito apropriadas para analisar a opressão que estes e estas estudantes denunciam em suas falas. Ao lançar as bases do materialismo histórico, o teórico alertou para as contradições do capitalismo industrial que coloca em lados opostos e inconciliáveis a burguesia – dona dos meios de produção –, e a classe operária – explorada em sua força de trabalho para assegurar, minimamente, a sobrevivência. Debruçando-se sobre a realidade de vida das classes subalternas<sup>4</sup>, Marx abre caminho para se perceber a historicidade presente no conteúdo das entrevistas no que se refere à educação enquanto pertencente à superestrutura (cultura), sujeita às condições concretas de existência (infraestrutura) e aos perversos modelos produtivos da sociedade (SAUL, 2014).

### **ASPECTOS ADVERSOS DO TRABALHO NO CAMPO**

As condições de vida no campo fazem com que uma parcela dos jovens e das jovens rurais opte pela saída para os centros urbanos em algum momento de suas vidas. Parte desse universo é formada pelos filhos e filhas de pequenos produtores rurais. As difíceis condições econômicas e de trabalho são fatores que inviabilizam a permanência daqueles que poderiam dar continuidade às atividades ligadas ao cultivo da terra (ZAGO, 2016). Os trechos que seguem são retratos dessa realidade, em alguns casos agravada pela precocidade com que determinados entrevistados e entrevistadas assumiram atividades laborais extenuantes:

Com 13 anos, eu catava andu (tipo de feijão), só que como o sol bate no olho é complicado, mas assim meu pai ele, quando era época de colheita, tinha que retirar do pé, colocar num montinho no chão e lá ele trazia o carro de boi, a gente tinha que colocar, é aquele milho dentro de uma bacia, colocar na cabeça e levar até o carro de boi. Quem tava na roça trabalhava da mesma forma. (Suzi, 34 anos, feminino, curso de Psicologia).

Eu não estava assim na linha de frente de pegar e fazer tudo. Mas desde pequena eu tava junto assim, eu queria pegar enxada pra ajudar a mexer, a limpar tudo, todas essas coisas sempre foram muito presentes no meu dia-a-dia, desde meu pai, meu avô, vendo o que eles estão fazendo e ficar ajudando. Dentro de casa também, e assim... aí ajudava a tocar as vacas, levar de um lugar pro outro. (Sofia, 20 anos, feminino, curso de Psicologia).

Eu e meu irmão, quando a gente tinha 13, 14 anos, a gente começou a trabalhar e é até hoje. Aí no ensino médio, eu comecei a estudar de noite. Na

---

<sup>4</sup>O termo “subalterno” foi analisado de forma aprofundada por Gramsci na obra *Cadernos do Cárcere* (1999).



verdade, trabalhar de dia nessa rotina aí. A gente faz plantação de hortaliças, planta couve, pequenas plantações de quiabo, essas coisas e na época de chuva a gente pega um pedacinho maior de terra e planta. É plantação de andu, feijão, milho. Há uns dois anos, a família aqui abriu um poço artesiano. Daí pra cá, a gente começou a fazer produção de hortaliças, essas coisas a gente já plantava, mas começou a plantar um pouquinho a mais, pra ter mais variedade. (Thiago, 24 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Considerando que a atividade laboral humana determina grande parte da experiência cotidiana da vida, de modo que uma parcela significativa dos aspectos abstratos da existência são afetados ou explicados pelo trabalho, enquanto acontecimento humano concreto e material, pode-se admitir que a similaridade de experiências laborais dos jovens e das jovens rurais geram memórias coletivas, oferecendo uma identidade para esse grupo que vai compartilhar comportamentos, intelectualidade, ideologias e pensamentos, a partir da vivência da lida diária e difícil com a terra. De acordo com Aróstegui (2004), ocorre, nesses casos, justamente a necessidade de se admitir a centralidade social que é formada pelo depósito de experiências comuns vivenciadas pelos indivíduos, levando à formação de memórias sociais, que sustenta um acervo de ideias similares circulantes nos indivíduos que compõem a mesma classe.

A respeito das memórias sobre o trabalho que esses universitários e essas universitárias desenvolviam no campo, estas passam a ser elementos constitutivos da produção da existência dessa juventude, que marca suas identidades, com a percepção de que são pouco cuidados pela sociedade.

Neste contexto de trabalho adverso na perspectiva de alguns entrevistados e algumas entrevistadas, o campo deixa de ser atrativo e esses e essas jovens tentam superar esse destino, emigrando para a cidade em busca de oportunidades de emprego, para o qual almejam uma educação de melhor qualidade também com vistas a ampliar as oportunidades profissionais, como pode ser observado nos relatos a seguir:

Em questão de trabalho, com certeza a cidade. Bom, primeira coisa, com certeza me formar. Conseguir um emprego, e conseguir me manter disso. Penso sim em talvez fazer um mestrado, mas é mais pra frente. Eu acho que agora o meu interesse mesmo é em me formar. (Luciano, 20 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Não tá do mesmo jeito (campo). Onde minha mãe morava mesmo, quase todo mundo já foi pra cidade e tá tendo êxodo rural e lá tudo que planta... não sei porque hoje, porque quando meu pai trabalhava mesmo a gente

colhia 80 sacas de milho e hoje já não dá... segundo eles é porque não chove. Eu dou muito valor ao campo... pelo campo que eu estou aqui, mas do mesmo jeito que eu do valor que eu olho pra trás... pra mim, hoje, eu não vejo o campo como uma prosperidade pra mim, não consigo ver como uma prosperidade. (Suzi, 34 anos, feminino, curso de Psicologia).

A educação superior muitas vezes é vista como um veículo de mudança do mundo rural para o urbano (FERRARI et al., 2004, apud GAVIRIA, 2006), conforme aponta categoria analítica mais adiante. No contexto dessa pesquisa, a possibilidade de entrada no ensino universitário soma-se a outras aspirações idealizadas pelos jovens universitários e pelas jovens universitárias nem sempre concretizadas no campo, e encontradas no espaço urbano que, além disso, dispõe de melhores serviços estruturados de lazer, transporte público e saúde.

### **A QUESTÃO DE GÊNERO PARA AS JOVENS RURAIS**

Da década de 50 do século passado para os dias atuais houve uma mudança no perfil da faixa etária das pessoas que migraram do campo para a cidade. Aqueles com idade entre 30 e 39 anos eram os que mais emigravam, enquanto na década de 90 foram os indivíduos da faixa etária entre 20 e 24 anos. Além disso, houve uma preponderância de migração entre as mulheres em relação aos homens, correspondendo a 52% do número total de jovens migrantes (CAMARANO & ABRAMOVAY, 1999).

Nota-se uma tendência na saída da mulher do campo, por uma questão política de gênero, em que o trabalho feminino é pouco valorizado e diversificado, além da falta de perspectiva na sucessão de chefia da unidade familiar, restando-lhe um papel subalterno no papel de filha e/ou esposa (GAVIRIA, 2006). Nas entrevistas, parece haver um incômodo maior sobre a ausência de escolha para as mulheres do que, exclusivamente, pela realização de um trabalho braçal em si. Pesa ser este um destino apenas para o sexo feminino, condição possível de ser flexibilizada na cidade. Neste sentido, foram dados alguns depoimentos:

As atividades domésticas eu sempre ajudei, acho que pra mim sempre foi uma obrigação. Mas não que minha mãe me obrigasse, ela me chamava e eu ia, aí às vezes me sentia muito culpada se ela fizesse sem eu ajudar ela, porque eu percebia que ela sempre se sobrecarregava. (Sofia, 20 anos, feminino, curso de Psicologia).

Aí tipo assim, desde com doze anos ou menos. Aí a gente ficava assim, o meu pai mais minha mãe ia pra roça e aí eu ficava em casa limpando, aí lim-

pava, cozinhava... já desde pequena já aprendia. Nessa idade minha vó ainda tava viva, aí ela... só que ela era cadeirante, ela não podia andar, né? Foi ficando mais velhinha assim, não podia andar, aí ficou na cadeira de roda, aí ela ia me ensinando a cozinhar, por exemplo. “Oh vovó, me ensina aqui, como é que eu faço isso aqui?” Já desde pequena já fui aprendendo como é que faz a comida, como é que limpa a casa, então como é que lava a roupa, tudo isso aí a gente já vai aprendendo desde pequena. Que é outra coisa que é importante quando a gente sai assim pra morar sozinho, foi uma coisa que eu não tive dificuldade. Foi ficar com o trabalho de casa assim mesmo. (Talita, 22 anos, feminino, curso de Nutrição).

Halbwachs (2006) sinaliza que na construção e reconstrução da memória dos indivíduos existe um importante papel desempenhado pelo coletivo. Assim, os elementos da estrutura psíquica das jovens entrevistadas passam pela cultura em que vivem, pela trama social que as levou a um modo de vida, a um estar no mundo de forma individual. Esse lugar disponibilizado para as mulheres no mundo rural traz memórias de um fazer destinado ao feminino, algo que gerava culpa se não executado ou que se naturalizava como obrigação desde pequena.

Para esses casos, é apropriada a lógica Halbwachiana de que a memória é construída da não divisão de contexto e de pessoa enquanto unidades independentes, não admitindo uma dicotomia entre sociedade e indivíduo. O autor não enxerga razoabilidade em pressupostos teóricos que entendem um e outro como sendo autônomos e distintos entre si (FIALHO; SANTANITA, 2017). Partindo desse olhar, compreender a realização do trabalho doméstico por essas jovens está ligado ao entendimento de um fazer socialmente instituído, realizado por suas mães, suas avós e por muitas mulheres antes delas, gerando memórias individuais associadas à realidade social de origem sobre o destino feminino na lida doméstica.

Embora exista dependência da construção coletiva em relação à vontade e ao agir individual, Halbwachs (2006) afirma que o conceito de sociedade também é inútil se for retirado o elemento individual, na medida em que as ações dos indivíduos tomadas em conjunto dentro de uma determinada estrutura também geram mudanças no cenário social. É, portanto, mutável a realidade forjada coletivamente, pois esta é formada por grupos de pessoas que participam de agrupamentos distintos e compartilham memórias coletivas desses outros pertencimentos, compondo uma rede social complexa. Partindo desse raciocínio, as jovens entrevistadas possuem memórias de um fazer doméstico destinado às mulheres do campo, mas também acessam outros grupos sociais (universidade, coletivos feministas) que as podem levar a formação de outras memórias. Estas

são vivas, se opõem mutuamente, dividem-se e excluem-se enquanto habitam o mesmo espaço social (SILVA, 2016). Assim, a saída do campo, o rompimento com o destino do trabalho doméstico e a entrada na universidade são elementos potencializadores de novas memórias e performances.

### **ELEMENTOS DE ATRAÇÃO DA CIDADE NO PROCESSO DE MIGRAÇÃO DO CAMPO**

Carneiro (2007) aponta uma tendência em suas pesquisas para o desejo de saída do espaço agrícola enquanto lugar de moradia. Algumas famílias têm optado por residirem em localidades mais próximas aos centros urbanos em busca de melhor disponibilidade de serviços básicos que proporcionem mais qualidade de vida e pela proximidade a escola e a espaços de lazer, com o atrativo ainda de poder acessar uma diversidade maior de trabalho para além da agricultura.

Em pesquisa realizada por Castro (2009) em assentamentos rurais nacionais, a autora identificou que a maioria dos jovens que expressaram o desejo de ir embora, o fizeram citando a vontade de viver num lugar considerado melhor. Essa construção é erigida com base em algumas percepções de vivência em uma área socialmente menosprezada nos espaços urbanos que frequentam, englobando os estigmas sobre a população rural e pela própria carência de serviços públicos e privados nesses locais.

Diante de um sentimento avesso ao campo que geralmente é retratado como um local símbolo de atraso, desprovido da oferta de um cenário de vida promissor, constata-se uma construção social deste espaço que atinge principalmente o imaginário do jovem do campo, reafirmada pela grande mídia, pelos meios acadêmicos e pelo próprio governo. Portanto, a saída para áreas urbanas representa uma mudança na busca de ascensão social, novas oportunidades de acesso a um contexto social comumente alardeado que proporcionem opções de trabalho, lazer, educação, dentre outras (BARCELLOS, 2014). Porém, é preciso não perder de vista que além de uma construção social, estes jovens vivenciam uma realidade na maioria das vezes dura, com trabalho árduo e baixa renda. A seguir alguns depoimentos de nossos entrevistados e entrevistadas, que corroboram o pensamento de que a cidade é mais atrativa para a vida e para futuros objetivos:

Eu acredito que quem mora na cidade sempre tem uma certa vantagem, até por conta da educação ser melhor. Emprego, nem se fala. E uma série de outras coisas. Eu consideraria a cidade um lugar bem melhor para viver. (Luciano, 20 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Viver na cidade tem a questão da facilidade ao acesso, como eu já havia dito

antes. Acesso a tudo, acesso a transporte, às escolas... você tem a opção de escolha, aqui no campo, geralmente, você não tem muita opção, tem aquela e pronto. (Pedro, 19 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Porque aí na cidade a gente é movido muito pela tecnologia. Aqui na fazenda, quem tem mais acesso a essas tecnologias são os mais novos, o pessoal de trinta anos pra cá. Enquanto que os mais idosos assim, não. Eles não... não tem essa tecnologia. E não falo só de celular, mas também outros... outros utensílios que facilita a vida... que na, na zona urbana, aí na cidade, a gente tem acesso e facilita a vida das pessoas. Enquanto que aqui não, a gente não tem acesso. (Talita, 22 anos, feminino, curso de Nutrição).

Nesse contexto, surge similaridade entre os desejos dos jovens e das jovens do campo e da cidade, decorrente de uma nova mentalidade rural representada por alguns fatores: mudanças na esfera do trabalho com a realização de novas atividades não relacionadas ao setor agrícola, que trazem novas práticas como remuneração mensal e que afetam as expectativas futuras de trabalho, lazer e consumo; permanência no campo sujeita a novas formas de fazer agricultura, tratando-se de uma mudança do valor atribuído à agricultura realizada por seus pais; esvaziamento do espaço agrícola como local de moradia, na busca por residirem mais próximos dos centros das localidades (CARNEIRO, 2007).

Compatível com esse traçado teórico, os depoimentos acima são representativos de memórias partilhadas por alguns dos entrevistados e entrevistadas em relação a um mundo urbano valorizado por símbolos, imagens, experiências e possibilidades consideradas, em algumas situações e para alguns participantes da pesquisa, hierarquicamente superiores aos disponíveis no campo. De acordo com Fentress & Wickham (1992), os conteúdos que sustentam a consciência social se tornam relevantes em contexto em que passam a ser lembrados pessoalmente, no processo cognitivo, após serem validados por uma versão socialmente consentida. Nesse sentido, memórias de valorização do meio urbano são percebidas como legítimas através de ações de comunicação que circulam em uma comunidade sobre a existência de um modo de vida mais fácil e feliz fora do campo, concepções que passam a fazer parte das memórias e planos desses jovens e dessas jovens rurais.

Nessa perspectiva, Jelin (2012) assinala que a formulação de uma memória comunitária funciona como uma espécie de moldura social, na qual as memórias individuais são enquadradas. Metaforicamente, as memórias sociais circulantes sobre a atratividade da cidade são o enquadramento para uma tela, nesse caso a mente concreta e individual de cada jovem rural, que será pintada/preenchida por visões de mundo urbano, valores e necessidades que são guiados pelo tamanho da

moldura. No entanto, a ideia de que a cidade é mais propiciadora de experiências satisfatórias não é uma verdade incontestada. A memória social não precisa ser exata, mas sim significativa e crível para a comunidade que a transmite (FENTRESS & WICKHAM, 1992).

Fato é que esse tema da “migração do campo para a cidade”, de acordo com Castro (2009), é frequentemente ligado à questão da jovem e do jovem rural. Todavia, essa problemática exige a análise de inúmeras questões que abarcam a construção da categoria jovem e os seus significados. É essa complexidade de personagens e memórias que vem sendo tratadas através dos depoimentos desses universitários e dessas universitárias.

### **VÍNCULO, AFETO E PERMANÊNCIA DO JOVEM E DA JOVEM NO CAMPO**

Uma das principais pesquisadoras sobre o (a) jovem rural no Brasil, Castro (2009) alerta para a necessidade de apreender a juventude como categoria social relevante, que produz impacto no mundo prático, indo além das perspectivas exclusivamente desenvolvimentistas que também se debruçam sobre esse período compreendido entre a infância e a vida adulta. Nesse sentido, interessa compreender esse contingente populacional em relação à construção identitária, formas de interação, posição social e política. Estes temas costumam ganhar maiores esforços de pesquisa direcionados à juventude de forma genérica ou, o que é mais comum, à juventude urbana. As demandas e particularidades dos jovens rurais ainda carecem de compreensão dentro de uma perspectiva mais atual, apesar de serem fenômenos concretos.

Para Paulo (2011, p. 115), o entendimento da construção da identidade do jovem aqui tratado, entre o mundo urbano e rural, passa pela compreensão de que a:

A relação entre esses dois ambientes sociais é pensada como uma relação dialética, marcada por continuidades e descontinuidades, que apesar de ser constante, não dilui as diferenças que persistem e são perceptíveis, principalmente em elementos simbólicos e que são responsáveis por demarcar as identidades juvenis rurais.

Embora um foco de divulgação sobre o jovem rural esteja associado à migração do campo para a cidade, retratando um perfil motivado pelos atrativos das cidades e descontentes com o modo de vida e de labor de zona rural, essa realidade não contempla toda a categoria analítica da juventude do campo. Apesar de ser este um fenômeno verdadeiro, abordado por uma agenda de pesquisa que vem denunciando a desvalorização do campo em relação à cidade, se restringir a isso deixa de fora outras trajetórias e questões relevantes (CASTRO, 2009).

Assim, a realização de pesquisas sobre este tema tem se modificado ultimamente, com o deslocamento do foco sociológico sobre o êxodo no campo para o estudo de movimentos de permanência e de migração de retorno, a despeito do alto número de migrantes verificado na primeira década deste século. Ainda nesta direção, existem outros ângulos de análise sobre a migração que não a enxergam mais como resultado definido de uma ação natural do jovem de se sentir atraído pela cidade, proveniente do desinteresse pela vida no campo e pelo trabalho agrícola (CASTRO, 2016).

De acordo com Carneiro (2005), o jovem rural, muitas vezes, mantém uma memória afetiva com o campo mesmo em um cenário de existência concreta marcada por dificuldades econômicas e sociais, que exige dele sanar conflitos para a construção de perspectivas futuras de vida. Aspectos centrais como educação, lazer, cultura e emprego são igualmente relevantes para esses jovens que sonham com um futuro no campo e que entendem que estes aspectos ainda estão muito distanciados da cidade, mesmo quando esta é geograficamente próxima. Sobre a relação afetiva com o campo, seguem alguns excertos de entrevistas:

Não trocaria (o campo) por outro lugar pra mim ter crescido, assim é longe da maioria dos centros urbanos, mas aqui a gente dá pra viver com tranquilidade, não tem a questão da violência, essas questão de cidade grande mesmo...e eu acho que sou o que sou hoje por conta das atitudes e vivências daqui do campo, a pessoa que sou hoje com olhar voltado pra sustentabilidade, natureza que influenciou muito até na escolha do curso. (Rodolfo, 18 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Lembro que logo quando fui pra Conquista (ingresso na universidade), meu primeiro ano aí, eu tive vários problemas, eu fiquei muito deprimida e sempre que pensava num lugar seguro, num lugar que queria estar, era aqui. E até hoje esse é o lugar que só me traz coisa boa, então eu tenho muitas lembranças felizes daqui, tive uma infância muito feliz aqui, tive uma adolescência muito feliz aqui, sabe?! Sempre gostei muito de morar aqui, de estar em contato com os animais, em contato com a terra, de poder plantar, de poder colher... a partir das experiências na universidade é como se eu tivesse colocado outras lentes, para olhar para as coisas que eu estou acostumada. Não mudou o carinho que eu tenho por esse lugar, o apego as raízes. (Sofia, 20 anos, feminino, curso de Psicologia).

Eu tenho uma ligação muito forte aqui onde eu moro, mas eu tô aberto para viver em outros lugares também, mas nunca deixar de ter essas raízes, esses valores que eu aprendi aqui acabarem né? Se perderem ao longo do tempo

né? (Rodolfo, 18 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Segundo Abramo (2005), o jovem rural é compreendido como um sujeito constituído pelas condições de vida determinadas pelo local específico de seu nascimento, que define o tipo de relações familiares, a visão de mundo e as experiências singulares a que foi exposto. Conseqüentemente, não há de se considerar um único padrão de juventude rural, devendo levar em conta as aspirações, conflitos, valores, práticas e demandas de cada grupo juvenil comunitário. Assim, a permanência dos jovens deve sempre ser considerada como uma agenda loco-regional, a partir das condições e possibilidades disponíveis em cada realidade rural.

Em pesquisa comparativa realizada por Neves (2014) em duas regiões rurais do sul do país com características agrícolas e influências de urbanização distintas, o autor verifica uma maior tendência de atração ao rural em locais de predominância da agricultura familiar. Segue explicando estes achados com referência ao conceito de estruturas de oportunidades, formulado por Bourdieu (2007), no qual afirma existir diferentes capitais (cultural, político, econômico, simbólico) disponíveis para os atores sociais, de modo que a estrutura, o volume e a acessibilidade a esses capitais vão definir os objetivos dos sujeitos. A partir dessa perspectiva, é possível inferir que a relação do jovem universitário camponês com sua origem ruralista é subjetiva, dependendo da exposição a estruturas de oportunidades distintas que vão definir suas memórias do campo, os laços com a região, a experiência em ambiente acadêmico e os planos futuros.

Não há, portanto, um único caminho ou resposta para a saída ou permanência da juventude rural em seu território natal. Este tema é complexo, multifatorial e revela-se uma profícua área de estudo. Inúmeras são as situações que determinam essa relação dialética do jovem rural entre o urbano e rural e as composições possíveis de moradia e trabalho nesses dois espaços. Estas situações são marcadas por experiências de vida em zona rural, dos significados dessas vivências a partir do contato com a academia e de como prospectam a vida futura. Essas condições são relevantes e, quando partilhadas, são representativas de indivíduos com histórias, princípios e realidades semelhantes, compondo um grupo social, com memórias circulantes coletivamente. Dos entrevistados que desejam permanecer, manter o vínculo ou voltar para o campo, nota-se a composição de um fio condutor afetivo que vai trazer para a superfície lembranças sobre uma ruralidade que remete a princípios edificantes, simplicidade, sossego e senso de comunidade.

Essa similaridade na vinculação afetiva com o campo compõe um coletivo dentro da perspectiva do que Halbwachs (2006) vai chamar de fenômeno decorrente da formação de memórias coletivas caracterizadas pelo que nomeia de painel de semelhanças, ou seja, um conjunto de memórias convergentes de seus membros. Essas memórias costumam



ser estáveis, sendo justamente os elementos de similaridade e permanência os aspectos centrais que trazem identidade ao grupo. Neste sentido, o que alguns dos jovens rurais pensam e lembram sobre a vida em zona rural é consequência da exposição a um grupo de pessoas que também valorizam e se expressam carinhosamente sobre esse modo de vida, mantendo essa identidade social viva. Essas memórias são constantemente reeditadas por novos membros que aprendem, no seio da comunidade, a valorizar a vida em zona rural.

Nesse sentido, o fenômeno de lembrar e fazer exortações ao campo, embora possa até parecer, num primeiro momento, um produto da mente singular de cada entrevistado, na perspectiva halbwachiana da memória coletiva é entendida como resultado de uma comunidade afetiva, que se constrói a partir do convívio que esses jovens mantêm com outras pessoas ou grupos sociais. Nessa linha, as lembranças dos grupos dos quais o indivíduo faz parte é determinante da lembrança individual deste, de modo que a constituição das recordações particulares é produto da combinação das memórias dos diferentes grupos de pertencimento, estabelecendo-se dois tipos de memória, a individual e a coletiva, sendo a primeira um desdobramento da segunda (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993).

### **AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O CAMPO NA AVALIAÇÃO DE JOVENS RURAIS**

A juventude rural não se encontra isolada do mundo a sua volta. Suas aspirações e projetos para o futuro sofrem influência do meio urbano através da televisão e do acesso à internet, por exemplo. Além disso, também as barreiras geográficas entre o campo e a cidade se encontram cada vez mais diminuídas, com o crescimento acelerado dos aglomerados urbanos e o processo migratório. Diante da proximidade entre estes dois mundos, a juventude do campo vai construir aspirações em consonância com os universos simbólicos que acessa. Neste sentido, Wanderley (2007, p. 33) descreve expectativas que se abrem para estes jovens:

[...] poder vivenciar “o melhor dos dois mundos” é, sem dúvida, um desejo dos jovens, mas que se inscreve, aqui, sobre um modo utópico e constitui mais uma demanda do que, propriamente, uma realidade concreta. Estas demandas parecem claras e fortes: para uns, poder permanecer no meio rural e encontrar, no espaço local, um campo de realização pessoal e profissional, na própria atividade agrícola ou fora dela; para outros, ter acesso aos meios que permitam a realização de um outro projeto de vida, no local ou fora dele – ser médico, advogado, bailarina, jornalista etc. Para todos, o desejo de vencer o isolamento, integrando, efetivamente, o meio rural à sociedade brasileira, para o que o acesso à educação é a principal demanda.

O campo como símbolo de atraso e de inferioridade acaba permeando o pensamento do senso comum, levando a ideias de que os jovens rurais teriam um desejo de habitar a cidade, como uma forma de melhorar de vida. No entanto, estudos como o empreendido por Valadares et al. (2016) têm revelado que as causas do êxodo rural entre os jovens não são, em sua maioria, motivadas pelo rompimento afetivo e simbólico com o campo. Mesmo com a ação do Governo, principalmente na esfera Federal, em ações de políticas públicas relacionadas a crédito, educação e transferência de rendas, verifica-se que as desigualdades e dificuldades de acesso a bens, serviços e a renda, agravadas pela concentração fundiária e fortalecimento do agronegócio, mostram-se as verdadeiras razões para o processo migratório destes jovens. Nessa perspectiva, ganha força a ideia de que uma parcela significativa dos nascidos em zona rural prospecta um futuro no campo, caso sejam implementadas políticas que favoreçam condições dignas de vida e que possam assegurar não só a permanência, mas o acesso a direitos básicos de todo cidadão (VALADARES ET AL., 2016, p. 61).

Valadares et al. (2016) seguem analisando o mundo rural contemporâneo, tendo descrito que após os anos 2000, houve uma ampliação da permanência em zona rural por jovens nascidos nesse contexto, após transformações econômicas e sociais ocorridas nessas áreas, decorrentes de políticas públicas e previdenciárias, que permitiram o acesso a bens duráveis e a serviços (a exemplo de telefonia, internet, água, energia elétrica). Nesse ínterim, destacam-se os programas de transferência de renda, programa de aquisição de alimentos, disponibilização de crédito, reforma agrária e assistência técnica. Outras iniciativas para permanência no campo vêm sendo conduzidas a partir da organização e cobrança de jovens camponeses envolvidos em movimentos sociais e políticos em zona rural.

Embora nacionalmente a literatura aponte o crescimento de políticas públicas para o campo e a existência de um contingente maior de jovens interessados em permanecer em zona rural, os investimentos ainda são bastante insatisfatórios e, frequentemente, sequer são percebidos em algumas regiões, como é o caso de muitos dos entrevistados provenientes de áreas rurais baianas. Constata-se nos depoimentos coletados a carência de ações do poder público nas localidades dos entrevistados e das entrevistadas, seja com ações pontuais para melhoria das condições de vida ou mesmo com a implementação de políticas voltadas para o campo, conforme seguem:

Mas assim, as políticas públicas no cenário, não é surpresa para ninguém do jeito que o cenário está hoje, mas até certa época atrás, certos anos atrás, um, dois anos atrás. Porque aqui chegou para o pessoal na época de plantação, igual eu te falei, chegava semente do governo do estado, chegava

equipamento para as pessoas trabalhar, plantar semente. Teve até cesta básica aqui, na comunidade. Pode ser que nas outras também tenha. Na verdade, sempre fica alguma gente para trás. Quem precisa fica para trás. Não era o suficiente, ajudava muito. Ajuda muito, mas eu avalio que não é o suficiente ainda porque não é uma esmola que a gente tá recebendo, é aquilo de imposto que a gente paga. É o mínimo do muito que vai. Um retorno bem mísero, bem pequeno. (Thiago, 24 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Eu acho que tem muito o que avançar (ações públicas). Eu creio, porque não atinge todos os agricultores, é uma pequena parte e muitos não conseguem obter o empréstimo, esse crédito. Já outros obtêm com maior facilidade e acaba trazendo um pouco de desigualdade. Eu vejo que alguns conseguem e outros não conseguem, uns conseguem avançar e outros fica estagnado. Eu acho que deveria ampliar mais ainda o que já existe. (Rodolfo, 18 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Eu ia e voltava todos os dias (do campo para a cidade). Aí eu fiz o cursinho esse ano, aí depois desse ano, a gente ficou sem passagem da prefeitura. A gente ficou sem passagens, eu não pude mais fazer o cursinho, e daí eu comecei a trabalhar, aí foi quando eu vim pra cá, acho que com vinte anos. Aí eu me mudei pra cá pra cidade. [...] não mais pra residir, por conta disso, por conta da dificuldade, porque lá a gente não tem água encanada, a gente depende de carro pipa, exército, então assim, agora mesmo tá uma calamidade, porque são acho que vinte tickets, vinte caminhões de água pra toda a comunidade. (Mônica, 27 anos, feminino, curso de Psicologia).

Eu acho que deveria ter bem mais atenção, pois é um descaso assim com a nossa comunidade por não ter essa... por causa dessas políticas públicas não ter..., como eu posso dizer, um olhar mais atento para a gente, entendeu?! Principalmente na questão da educação. É a questão que eu mais queria mudanças, é a parte da educação. (Luciano, 20 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

A percepção da diferença de interesse público e do investimento governamental entre o mundo rural e urbano, e mesmo a necessidade de enfrentar a dura realidade relacionada à pouca infraestrutura e serviços escassos, é uma luta constante para essa juventude rural oriunda de um mundo cada vez mais conectado e que questiona cada vez mais as fronteiras sociais e econômicas que separam as duas realidades. A percepção do descaso do poder público com os espaços de origem

desses universitários e dessas universitárias é um elemento comum no discurso dos jovens entrevistados e das jovens entrevistadas, sendo um desdobramento das determinações sociais de desinvestimento nas pequenas propriedades rurais. Assim, as memórias geradas para estes e estas estudantes a respeito do lugar simbólico do campo na política nacional transcendem os sujeitos, sendo fenômenos intrinsecamente coletivos. Essa compreensão vai ao encontro do que Aróstegui (2004) descreve como memória social. Ainda sobre o tema, o autor sinaliza a temporalidade dos processos de mnésicos, sempre atrelados a eventos comunitários relevantes na construção, ação e produção de sentido sobre determinada realidade. No caso em análise, a negligência governamental apresentada nesse momento histórico, gera insatisfação e favorece a união de jovens rurais em torno de uma agenda de resistência e de memórias de liderança, luta e militância.

A organização da juventude rural tem sido um ato político que vem ganhando força através de movimentos sindicais, organizações religiosas e movimentos dos trabalhadores sem-terra, liderados por jovens conectados com as demandas do mundo rural e com habilidades para dialogar com outros modos de vida e produção. Estes atores sociais vêm, gradativamente, reafirmando suas identidades rurais e o interesse em manter laços com suas origens, através de estratégias de luta pela terra, ações políticas e protagonismo na busca por políticas públicas para o campo (CASTRO, 2009), conforme se verifica na próxima categoria analítica.

### **PROTAGONISMO JUVENIL E A UNIVERSIDADE COMO FERRAMENTA PARA PERMANÊNCIA OU RETORNO AO CAMPO**

No cerne da discussão sobre aspectos que favorecem a permanência do jovem no campo, é relevante discutir o protagonismo juvenil para atuar ativamente como grupo social comprometido com a superação das más condições de vida para aqueles pertencentes à zona rural. Calil (2008, p. 81), assim define protagonismo juvenil:

[...] é uma prática que possibilita a transformação do jovem e a transformação do mundo, numa relação dialética que favorece a formação de jovens mais conscientes de seu papel como agentes de mudança social, investidos na construção de uma sociedade mais democrática e igualitária.

Enquanto agentes mais conectados com o mundo fora do campo, ao se envolverem com ações, iniciativas e entidades políticas com finalidades de beneficiar o mundo rural, os jovens passam a constituir uma força endógena diferenciada e relevante na luta pelo desenvolvimento local, pelo fortalecimento econômico e pela qualidade de vida nas unidades territoriais aos quais pertencem. Para isso,

estes atores sociais precisam ocupar os espaços políticos e institucionais que os coloquem em posição de acessar lideranças comunitárias e externas. Necessitam, ainda, estabelecer relações horizontais, estimulando o surgimento de vínculos solidários, confiança e reciprocidades no agrupamento que compõe o território afetivo, ou seja, a rede de suporte e participação, cuja finalidade é lutar pela melhoria da vida no campo de dentro para fora (FERREIRA; HILLING, 2018).

Um importante espaço político e institucional que pode fortalecer o protagonismo juvenil é a universidade. Não sem motivo, o ensino superior é encarado por muitos jovens rurais como uma ferramenta de ampliação das possibilidades de trabalho e, frequentemente, apresentam manifesto desejo de que as novas habilidades laborais possam servir ao campo. Isso é possível não somente no exercício de atividades ligadas à terra, mas inclusive em ocupações não agrícolas para atender demandas humanas nesses espaços (NEVES, 2014), como moradia, saúde, lazer, acessibilidade digital etc. Assim, a permanência ou retorno para o campo exige dos pais e de seus filhos uma mudança de paradigma em relação à atividade agrícola. Novas formas de se fazer agricultura são pensadas, assim como modos diferentes de trabalho para que consigam manter-se nesse espaço (CARNEIRO, 2007). Fato é que os jovens camponeses já vêm há algum tempo cobrando ações governamentais que estimulem o retorno não somente de agrônomos e veterinários, mas também de professores, médicos, engenheiros e demais profissões que possam, de alguma forma contribuir para o avanço do mundo agrícola (MENEZES et al., 2014).

Nessa direção de aproximação da juventude com o campo, Menezes et al. (2014) disponibilizam a articulação entre jovens rurais, movimentos sociais, academia e governo, ocorrida no I Seminário sobre Juventude Rural e Políticas Públicas<sup>5</sup>, no ano de 2012, evento organizado para ampliar o debate entre instituições e atores sociais vinculados à questão agrícola brasileira. Na ocasião, já se organizava o protagonismo da juventude rural com o debate e formulação de ações para manutenção do jovem no campo, dentro de uma perspectiva que possa garantir um futuro promissor e proporcionar uma formação técnica e acadêmica, se revertendo na renovação do processo agrícola e de alimento em operação no país. Um dos temas também debatidos foi a necessidade de superação de uma visão pouco diversificada em relação ao leque de profissões ofertadas pela educação superior para a zona rural, sob o argumento de existir no campo demandas complexas para atender ao objetivo de progresso e diferenciação do sistema produtivo rural.

<sup>5</sup> Promovido pelo Governo da presidenta Dilma Rousseff, o Seminário propunha um espaço de diálogo entre governo e movimentos sociais para debater políticas públicas para a juventude rural, visando fortalecer a participação social deste público, promovendo espaços de diálogo para a formulação de políticas públicas (BRASIL, 2012).

De modo convergente com essa pauta, consegue-se observar em algumas entrevistas o entendimento de jovens universitários da necessidade de qualificação como um meio de permanência no campo dentro de um projeto de vida com melhores condições ou oportunidades de contribuição com a zona rural. Seguem os depoimentos:

Depois da faculdade, até o momento eu penso em tentar dar seguimento para uma linha de mestrado no curso de farmácia ou de medicina, que eu vou tentar entrar novamente que seria em residência, que no curso de medicina (desejo de ingresso futuro) teria mais possibilidade de eu voltar a residir lá junto com meus pais e trabalhar na região... pelo estilo de vida, pela tranquilidade e acho também pela proximidade que você se sente acolhido, acho que de um modo geral aqui (cidade), eu não conheço meus vizinhos e lá não, meio que todo mundo se conhece e de uma forma ou de outra todo mundo tenta se ajudar. (Fred, 22 anos, masculino, curso de Farmácia).

Eu vejo que a educação é a grande chave que vai abrir várias portas. Então, foi o que fez minha família investir na minha educação e na do meu irmão. Eu vejo que com a educação a gente pode mudar essas realidades que a gente vive aqui... por que eu vejo outras pessoas da minha idade que não optaram pelos estudos e continua trabalhando com os pais... isso é muito importante também, mas eu vejo que a educação pode ser uma grande facilitadora... de trilhar outros caminhos aqui. (Rodolfo, 18 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Eu penso quando acabar o curso, penso mais pra frente, eu vou concluir esse ano, aí tipo eu penso em viajar. Algumas viagens, pequenas, viagens, entendeu? e depois se eu conseguir um emprego na área, porque não é fácil, né? se formou e já começou a trabalhar, mas eu penso em viajar um pouco e saber o que eu quero mesmo. Mas eu quero concluir. Depois eu penso em fazer primeiro a especialização, depois o mestrado e doutorado, né? se Deus permitir [risos]. Eu penso isso. Agora, continuar morando aqui (zona rural). Fazer pequenas viagens só para sair, mas a raiz mesmo morando aqui, entendeu? Eu espero estar empregado bem futuramente. Ter minha independência. Estar empregado com casa própria e tal. (Thiago, 24 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Dessa forma, a migração pode também representar um fator condicionante para permanência futura ou como elemento estratégico para outras formas de fixação no espaço rural, até mesmo de luta pela terra (BARCELLOS, 2014).

Em pesquisa realizada no sertão da Paraíba com algumas gerações de famílias camponesas, Menezes (2009) constatou que a saída do jovem do meio rural pode representar um fato definitivo, mas também uma forma de proporcionar meios para sua permanência no campo. A renda auferida no trabalho na cidade pode atender necessidades básicas de sua família, além de ser utilizada em pequenos investimentos na compra de propriedades rurais ou outros bens, representando um projeto de vida de continuar no campo. Assim, a autora acredita que a migração dos jovens constitui uma estratégia de reprodução histórica das famílias camponesas. O jovem vivencia essa experiência como um ritual de passagem na vida que vai além dos fatores econômicos que motivam sua saída.

Fato é que a necessidade do ensino superior e técnico torna-se relevante no mundo rural como forma de garantir recursos humanos habilitados para a prestação de serviços básicos nas localidades onde se situam as comunidades rurais. As novas tendências têm gerado mudanças importantes nas relações sociais e produtivas de zona rural, de modo que o acesso às políticas educacionais de ensino superior pelos jovens camponeses acaba sendo uma oportunidade de qualificação que pode se reverter em uma força de trabalho mais crítica e técnica que deve, em muitos casos, contribuir para a qualidade de vida das localidades rurais.

Na esteira dessa discussão, é possível analisar o fenômeno sob o ponto de vista da teoria marxista, que defende que a educação só pode ser libertária à medida que atua com a intenção de expor as contradições do capital e da divisão do trabalho, acreditando que esse papel só será possível se os processos educacionais puderem ocorrer de forma revolucionária e crítica. Se não houver este compromisso, os modelos pedagógicos estarão sempre subservientes ao capital. Portanto, a educação superior tem papel importante, podendo ofertar uma formação profissional que desenvolva em seus alunos consciência social e pensamento crítico, colocando em evidência as contradições e perversão do sistema capitalista na contemporaneidade. As universidades são as que mais se aproximam do que Marx descreve como o ensino tecnológico, que oferece maior protagonismo ao disponibilizar habilidades teóricas, práticas e científicas ao indivíduo (MANACORDA, 2010).

Nesse cenário, o protagonismo juvenil exercido por universitários e universitárias oriundos da zona rural interessados e interessadas em consolidar a trajetória de trabalhador e trabalhadora do campo deve ter como propósito lutar por investimentos nas técnicas de produção, por avanços na qualificação do trabalho e por melhores condições de vida. Essa é uma das opções possíveis para esses e essas jovens universitários, que também podem decidir, através da formação acadêmica, por caminhos que os (as) distanciem da zona rural. Embora os/as entrevistados/as sejam todos de origem rural e vinculados (as) a uma mesma

Instituição de Ensino Superior, eles e elas possuem algumas memórias similares, mas outras divergentes sobre a vida no campo e planos futuros. Isso porque, cada indivíduo participa de inúmeros grupos, cada qual com uma memória específica: a escola, o trabalho, a igreja ou, ainda, comunidades mais amplas, como a ordem de classe, o estado, a nação (SILVA, 2016). Assim, a depender da combinação de experiências que cada pessoa está exposta, o resultado é singular, formando um sujeito único que acessa inúmeras memórias coletivas e que contribui na formação de outras tantas. Esse processo é vivo e contínuo, assim como são as memórias individuais dele decorrentes (HALBWACHS, 2006).

Portanto, a migração, permanência ou militância do jovem do campo não pode ser considerada uma certeza posta e inerente a esse grupo social, ou uma decorrência direta das dificuldades encontradas num contexto específico, mas como fator que compõe práticas de reprodução decorrentes de realidades distintas.

### **O INGRESSO NA UNIVERSIDADE COMO MEIO DE SAÍDA DO CAMPO**

Adentrar a universidade costuma ser um passo nada óbvio para o (a) jovem rural, que passa a ter uma parcela que os represente nas Instituições de Ensino Superior apenas na história recente, a partir das políticas governamentais de democratização do acesso à universidade. Ao ingressar na academia através das políticas de cotas, o (a) jovem rural tem outros desafios além da qualificação para o trabalho, uma vez que surge a demanda de se familiarizar com o novo sistema educacional, de modo a assegurar algum pertencimento social e a construção da identidade enquanto acadêmico(a). Nesse processo, ocorre um distanciamento dos conhecimentos empíricos prévios adquiridos em meio rural, os quais costumam ser substituídos ou aperfeiçoados por conteúdos teóricos e técnicos.

Fato é que esses e essas estudantes, conectados (as) a outros modos de vida (CASTRO, 2009) e fora de seus lugares de origem, precisam organizar suas experiências subjetivas e construções identitárias a partir das vivências enquanto acadêmicos e acadêmicas, em espaço urbano e com acesso a saberes e oportunidades de trabalho diferentes das que eram disponíveis no campo. O depoimento a seguir é bem representativo nas novas opções e expectativas que surgem na experiência universitária:

Meu principal objetivo é continuar na pesquisa. Na verdade, meu principal objetivo é conseguir um emprego, que eu não especifico qual seria porque eu tenho medo de ficar desempregada. Mas o que eu tenho vontade é seguir na área da pesquisa. (Sofia, 20 anos, feminino, curso de Psicologia).

Acho que mais curiosidade. Eu tenho mais curiosidade para aprender.



Curiosidade pra... de ver as coisas. Ver as coisas diferente. Tipo, ler mais entendeu? Eu não lia muito. Agora, tô lendo bem pouco por causa dessa pandemia. Mas, quando entrei deu vontade de ler muito, ler mais, ter mais conhecimento. (Thiago, 24 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Quando você vai pra universidade você acaba tendo contato com muita gente que tem uma... um modo de ver a vida diferente. Você vai aprendendo com isso, você vai aprendendo a respeitar, você vai aprendendo a valorizar aquilo, a trazer pra si também e acaba também, é somando na nossa formação. (Talita - 22 anos, Nutrição).

Eu acho que, eu olho pras coisas e para as pessoas e para o contexto que eu fui inserida de forma mais crítica. Eu percebo que eu olho para as pessoas tentando compreender, de tentar entender o mundo, assim, das pessoas. (Sofia, 20 anos, feminina, curso de Psicologia)

Na busca pelo desenvolvimento das novas habilidades requeridas, é comum que aspectos da identidade camponesa sejam preteridos, dando lugar a um movimento de identificação com o mundo urbano, inclusive como forma de aceitação social e profissional. A distinção nas experiências culturais, afetivas, simbólicas e materiais entre a juventude rural e urbana é decorrente da assimilação da estrutura social de origem, que se caracteriza por sentimentos, pensamentos e percepções específicas. Ao ingressar no ensino superior e mudar-se para a cidade, muitos e muitas jovens do campo costumam assimilar um modo de vida baseado em fatores culturais típicos do estilo de vida urbano como forma de inserção simbólica e legitimação. Nessa intrincada relação entre o passado em zona rural e o presente na condição de acadêmica a juventude rural pode buscar no ensino superior uma forma de romper com o campo e com as condições de vida normalmente difíceis do contexto de agricultura familiar (REDIN, 2017).

Partindo desse ponto, o ingresso na universidade pode significar mudanças significativas nas possibilidades de escolha profissional disponíveis para jovens rurais que, ao se aproximarem do mundo urbano e das oportunidades nesse espaço, podem não achar mais viável o retorno à zona rural e às condições muitas vezes precárias de vida (KUMMER; COLOGNESE, 2013).

Em convergência com os aspectos da literatura, tem-se os seguintes trechos:

Acredito assim, por ter vindo, sofrido, lutado, eu acredito assim, que eu dou mais valor na universidade, porque a gente passou muita necessidade, então assim, hoje eu penso assim [...] pra evitar [...] talvez evitar [...] é [...] passar necessidade de novo, aquela vida... eu luto! O que eu puder

fazer aqui pra ‘mim’ mudar de vida. (Suzi, 34 anos, feminino, curso de Psicologia).

(Motivo da entrada na universidade) Resistência, resistência porque como eu te falei na nossa comunidade desde o início a gente não é criado pra chegar no ensino superior, a gente é criado pra chegar olhe-se lá, no terceiro ano, então assim, quando me veio a oportunidade de ingressar na faculdade, eu não pensei duas vezes. Mãe, eu tenho um filho de 4 anos, então assim, minha vida é muito corrida pra estar aqui todos os dias, e às vezes dá vontade de jogar tudo pra cima, mas eu continuo resistindo sabe? Porque é uma maneira de que as outras pessoas vejam e queiram também fazer, sabe? Saber que existe vida além disso, além do ensino médio, além do casamento. (Mônica, 27 anos, feminino, curso de Psicologia).

Carneiro (2005) assinala que a juventude rural possui dilemas diferentes dos de seus pais, já consolidados no campo, uma vez que os mais jovens são diretamente expostos às transformações sociais e laborais impostas pelas mudanças na forma de atividade agrícola, que privilegia os grandes produtores e o modelo de agronegócios<sup>6</sup>. Estes jovens, ainda em fase de consolidação no mundo do trabalho, podem vir a transitar melhor nos espaços urbanos e têm na educação superior uma possibilidade de ampliar o leque de opções profissionais e, conseqüentemente, angariar melhores condições de trabalho. É nesse cenário de possível ruptura que o grau de escolaridade da juventude camponesa tem se ampliado em relação aos seus ascendentes, para alguns significando a saída permanente do campo.

Os (as) jovens entrevistados (as) que prospectam uma vida fora de zona rural estruturam essa expectativa a partir de um aparato social que oferta a esses (essas) estudantes códigos culturais que circulam nas novas comunidades que passam a fazer parte. De acordo com Jelin (2012), a memória social não é um fenômeno solitário, impermeável e único, mas decorre de narrativas coletivas que são desenvolvidas a partir de ritos, experiências, normas de conduta, que quando assimilados, geram novos pertencimentos para o sujeito. Nesse sentido, a universidade oferece vivências partilhadas que para muitos e muitas jovens rurais, podem entrar em conflito com memórias circulantes previamente, gerando rupturas, novas reconstruções de memórias e desejos diversos, consonantes com o pertencimento a outros grupos sociais. Um desejo de saída definitiva do campo

<sup>6</sup> Souza & Conceição (2008) denunciam o discurso ideológico de que os problemas do campo brasileiro estão superados com as perspectivas de acréscimo na produção e produtividade e não com as condições de vida daqueles que vivem no campo, trabalhadores rurais e camponeses, deixando à margem a discussão sobre a revisão da estrutura fundiária, com uma política de reforma agrária e manutenção do homem do campo. As autoras destacam ainda a relevância dada ao agronegócio pelo Governo do Estado da Bahia, através da realização de trabalhos e estudos amplamente divulgados, que o retratam como a via única possível em busca de uma pretensa “modernização” do campo.

não necessariamente envolve falta de afeto com o lugar de origem, mas significa o rompimento desses estudantes com uma necessidade comunitária da qual deixam de pertencer integralmente, desaparecendo a obrigação de manter vivo o modo de vida e trabalho dos ascendentes através da continuidade desse projeto.

### **INCERTEZAS DO (DA) JOVEM DO CAMPO SOBRE O FUTURO PROFISSIONAL E SUBSISTÊNCIA**

As políticas de cotas em universidades públicas beneficiam jovens rurais provenientes dos modelos de agricultura familiar, permitindo o acesso à educação superior, até então inalcançável para esse público. Essas políticas de ingresso na universidade são importantes para democratizar a possibilidade de formação acadêmica e para reduzir o distanciamento social, em razão da entrada no ensino superior ser, por muitos anos, reservado majoritariamente para famílias com boas condições econômicas (REDIN, 2017).

No entanto, para além do ingresso através de políticas de cotas e das bolsas de permanência para que a juventude camponesa possa concluir o curso superior, outra agenda se descortina como pauta urgente. Tão importante quanto a formação superior é a instituição de programas de residência e auxílio financeiro para que jovens recém-formados, quando assim desejarem, possam retornar ao local de origem, contribuindo com mão de obra qualificada para a melhoria dos modelos de agricultura familiar (MENEZES et al., 2014). A necessidade de oferecer suporte a estes egressos oriundos de condições socialmente vulneráveis também é uma realidade para aqueles que desejam seguir com uma vida profissional fora do campo. Tanto em um caso quanto no outro, a universidade e suas políticas de transferência de renda para a manutenção do curso costumam ser a única forma de sobrevivência de muitos estudantes durante os anos de graduação. Sem políticas públicas que favoreçam a empregabilidade/sustento dos recém-formados, a formatura passa a significar um momento de preocupações e incertezas futuras relacionadas à inserção profissional e sobrevivência. Alguns depoimentos dos (das) entrevistados (das) são representativos dessa realidade:

Olhando para o meu círculo social, eu acho que a gente, que não tem muitas condições sociais, tem medo do que vai acontecer quando terminar a faculdade, porque a gente vive de bolsa, o que vai acontecer quando eu não tiver mais a minha bolsa?! Como é que eu vou fazer pra arrumar um emprego sem dinheiro, sem meus pais poderem me bancar e montar um escritório pra mim ou arcar com as despesas até eu terminar um mestrado, se eu não conseguir a bolsa do mestrado, a gente tem mais uma insegurança do que vai acontecer. (Sofia, 20 anos, feminino, curso de Psicologia).

Acho que se eu ir até o final, acho que vai antes mesmo de concluir, vou parar e refletir sobre a minha trajetória e buscar ser um profissional quando terminar para buscar ser um profissional de “responso” entendeu? Porque o próprio professor Márcio fala: ‘Vocês têm que dar o seu melhor, dar o seu melhor porque quando abre a gaveta tem mais mil e não sei quantos alunos muito bons desempregados’, então para chegar e ter essa motivação, um dos melhores, não que os outros, melhores para mim, entendeu? (Thiago, 24 anos, masculino, curso de Ciências Biológicas).

Assim, a gente sempre pensa em ter uma profissão, uma profissão fixa assim mesmo, porque a gente tem essa ideia de como se fosse uma garantia de que você não vai ficar desempregado lá na frente. Coitado, oh dó dessa mentalidade, por que não tem nada a ver. Ainda mais aqui, por exemplo, eu falava bem assim: “aqui eu falo: eu quero me formar, Deus ajude que eu consiga um trabalho”, mas provavelmente não vai ser aqui em Guajeru, eu já sei que eu não vou ser priorizada. Eu já sei. Só passar num concurso mesmo, com a minha própria capacidade e olhe lá, né? tem as burlagem. (Talita, 22 anos, feminino, curso de Nutrição).

Os trechos acima revelam preocupações dos (das) entrevistados (das) sobre o futuro profissional, com sentimentos de desesperança ou de necessidade de dedicação extrema à vida laboral para obtenção de sucesso nesse meio. Estes e estas jovens demonstram inseguranças com o futuro profissional em um mundo do trabalho reconfigurado pela ação de um capitalismo cada vez mais nocivo, que afeta não só as configurações de emprego na cidade, mas também a própria atividade no campo.

Sobre a perversidade produtivista das relações subjugadas a um mercado de trabalho cada vez mais desregulamentado, Druck (2011) alerta que essas transformações significativas só podem ser entendidas numa perspectiva histórico-dialética, em que velhos modelos de produção se reconfiguram, passando por um complexo processo de metamorfose social, em que novas formas e condições laborais e novas relações sociais entram em funcionamento, não necessariamente como uma ruptura com o passado, mas como uma espécie de reconfiguração das contradições histórico-sociais do trabalho. Nesse sentido, a precarização da atividade produtiva e as incertezas por ela geradas afetam especialmente as formas de execução laboral e as lutas dos trabalhadores, mantendo ainda relações sociais ancoradas pela compra e venda da força laboral do homem. Toda essa incerteza afeta, principalmente as classes sociais mais vulneráveis, como é o caso dos/das jovens provenientes de zona rural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou compreender as memórias de jovens rurais universitários sobre o modo de vida a partir das próprias experiências enquanto juventude do campo. As noções de memória social nesse trabalho foram apreendidas como um chão que alicerça os passos e os caminhos dos (das) entrevistados (as). Metaforicamente, este chão que sustenta a sobrevivência desses sujeitos e de seus ascendentes através do arado e da enxada é também o mesmo que oferece suporte aos afetos, princípios e aspirações dessa juventude, garantindo uma base e um trajeto para ir e vir, ficar ou sair, nunca de forma definitiva, mas como uma escolha disponível.

O solo por onde transitam estes e estas jovens guarda, no passado e no presente, o suor de muitas mãos na composição de seu traçado. Um solo exige, portanto, um trabalho sempre comunitário. As experiências e memórias que atravessam os (as) jovens participantes dessa pesquisa também são frutos coletivos, resultados de histórias anteriores a esses próprios indivíduos e ancorados no pertencimento a uma classe social que vai ajudar a compor a consciência e identidade dessas pessoas.

Partindo desse ponto, as concepções de memória coletiva de Halbwachs, as teorias sobre memória social e o conceito de experiência de Thompson foram centrais para este artigo, por defenderem uma ancoragem social e histórica na formação da subjetividade dos (das) jovens universitários (as) oriundos (as) de zona rural. De todos os conceitos abordados nesse estudo, a concepção de memória coletiva foi a base principal sob a qual os resultados empíricos foram analisados, sendo a lente social para compreender as relações que os (as) entrevistados (as) estabeleceram com o trabalho, com a formação universitária, com a vida no campo, com a experiência urbana, com os sonhos, medos e anseios para o futuro.

Entender o impacto subjetivo da dualidade entre as experiências de vida, saberes e expectativas moldadas em zona rural e a estrutura da cidade e da formação superior envolveu um olhar atento para as ideias e conhecimentos que estes e estas jovens tinham sobre si e sobre o futuro, elementos forjados socialmente ao longo de muitos anos. Assim, o artigo se dedicou a compreender o acesso, a dinâmica e as eventuais dificuldades para inserção desses e dessas jovens estudantes do campo na lógica universitária, bem como a percepção destes sobre o futuro, compromissos e possibilidades pessoais e comunitárias.

Os desafios e obstáculos impostos a estes e estas jovens para cursarem uma graduação fora de seus lugares de origem e em condições econômicas pouco favoráveis geraram a necessidade de se discutir, quando pertinente, os conceitos sociológicos de educação e trabalho, temas completamente imbricados na trajetória desses e dessas estudantes que, ao final do curso, seguirão com seus diplomas e suas heranças sociais para adentrar um mercado de trabalho contemporâneo bastante

desafiador, difícil e, frequentemente, opressor. Tais questões atravessam as memórias desses e dessas discentes, a partir de uma miscelânea de afetos, ideias e percepções forjadas no encontro entre a subjetividade de cada entrevistado (a), o contexto social do qual participa e a herança coletiva que, em conjunto, formaram as narrativas apreendidas nas entrevistas, interpretadas e separadas em categorias analíticas para o estudo empírico desse artigo.

Olugar defaladessesedessasjovens estudantes interessa enquanto empreendimento científico e político. Conforme mencionado na introdução, é amplo o contingente de brasileiros de origem rural, contrastando com a deficiência de políticas públicas para essa população. Pesquisas, investimentos e ações governamentais destinados aos jovens urbanos são muito mais numerosos. Há lacunas na literatura científica sobre estudantes do campo que acessam a universidade e como este fenômeno está atrelado a possíveis impactos na zona rural, a partir das novas experiências e pertencimentos desses sujeitos do campo.

A ciência é uma importante ferramenta de conhecimento e mudança social, ao informar, legitimar e dar visibilidade para alguns fenômenos. Nesse sentido, este artigo alcançou seu objetivo de ampliar as possibilidades de conhecimento e, portanto, de ações destinadas a este público, especialmente dentro da realidade baiana. Cientes da realidade e das demandas desses sujeitos, políticas públicas melhor direcionadas para este grupo social podem ser empreendidas. Novas agendas de pesquisa podem ser úteis para oferecer uma compreensão mais robusta sobre a juventude rural universitária.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; MARTONI, P. P. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. v. 2. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-72.

ARÓSTEGUI, Julio. Retos de la memoria y trabajos de la historia. **Pasado y memoria. Revista de historia contemporánea**, v. 3, n. 5, p. 58, 2004.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A formulação das políticas públicas para a juventude rural no Brasil: atores e fluxos políticos nesse processo social**. 306p. Tese Doutorado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRASIL. **Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016**. Ministério da Saúde, 2016.

CALIL STAMATO, Maria Izabel. **Protagonismo Juvenil: uma práxis sócio-histórica de ressignificação da juventude**. 212 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo: 2008.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. 1999.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In.: ABRAMO, H. e BRANCO, PMD (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 243-261.

\_\_\_\_\_. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista latinoamericana de ciências Sociais, Niñez y juventud**, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009.

\_\_\_\_\_. Juventude rural, do campo, das águas e das florestas: a primeira geração jovem dos movimentos sociais no Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude. **Política & Trabalho**, n. 45, 2016.

\_\_\_\_\_. Balanço e Perspectivas. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?. **Caderno CRH**, v. 24, n. SPE1, p. 37-57, 2011.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Social Memory**. Oxford: Blackwell, 1992.

FERREIRA, Daniel José; HILLING, Clayton. Juventude Rural e Protagonismo: caminhos para o desenvolvimento local. **Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar**, v. 4, n. 2, p. 200-227, 2018.

FIALHO, Joaquim; SANTANITA, Carla. Revisitando Norbert Elias e os seus Contributos para a Teoria Sociológica: O foco no indivíduo e na sociedade. **Desenvolvimento e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. p. 131-146, 2017.

FREITAS, Wesley RS; JABBOUR, Charbel JC. Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Revista Estudo & Debate**, v. 18, n. 2, 2011.

GAVIRIA, Margarita Rosa; MENASCHE, Renata. A juventude rural no desenvolvimento territorial: análise da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo. **Estudo e Debate**, v. 13, n. 1, p. 69-82, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social (1999)**. São Paulo: Editora Atlas, 2015.

GONZÁLEZ REY, Fernando L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. Trad. Manoel AF Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999. v. 5.

HALBWACHS, M. A memória coletiva (B. Sidou, Trad.). **São Paulo: Centauro (Obra original publicada em 1968)**, 2006.

JELIN, Elizabeth. **Los Trabajos de la Memoria**. 2a. ed. Instituto de Estudios Peruanos-IEP, Lima, Perú, (Estúdios sobre Memoria y Violência, 1), 2012.

KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Silvio Antônio. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Tempo da Ciência**, v. 20, n. 39, p. 201-220, 2013.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna**. 2ªed. Trad. Newton Ramos de Oliveira. Campinas-SP: Alínea, 2010.



MENEZES, Marilda Aparecida de; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sergio Botton. **Juventude rural e políticas públicas no Brasil**. 2014.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **Juventudes rurais do nordeste: trabalho, migração e movimentos sociais**. Campina Grande/PB. Edital Universal MCT/CNPq 02/2006. (Relatório Acadêmico Sintético – Fevereiro, 2009).

NEVES, Jonas Anderson Simões das. Os jovens rurais e suas oportunidades: uma proposta analítica a partir dos dados censitários. **Voos Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**, v. 5, n. 1, 2014.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Juventude Rural: suas construções identitárias**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. 324 p. – (Teses e Dissertações).

REDIN, Ezequiel. Políticas educacionais e juventude rural no ensino superior. **Educar em Revista**, n. 63, p. 237-252, 2017.

SÁ, Celso Pereira de. Sobre a psicologia social no Brasil, entre memórias históricas e pessoais. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 7-13, 2007.

SAUL, Fernanda Quatorze Voltas. A educação no pensamento de Karl Marx. **Veras**, v. 4, n. 1, p. 25-36, 2014.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

SILVA, Giuslane Francisca. A memória coletiva. **AEDOS**, v. 8, n. 18, p. 247-253, 2016.

SOUZA, Suzane Tosta; CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. As “novas” estratégias do capital para o campo brasileiro a partir do discurso do agronegócio. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 9, n. 1, 2008.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 6º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

VALADARES, Alexandre Arbex et al. Os significados da permanência no campo: vozes da juventude rural organizada. **Dimensões da Experiência Juvenil Brasileira e Novos Desafios às Políticas Públicas**, p. 59, 2016.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. *In*: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventude E Agricultura Familiar no Recôncavo da Bahia**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019.

ZAGO, NADIR. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. **Revista brasileira de educação**, v. 21, n. 64, 2016.